

CHARLES DICKENS



UM
CONTO
DE DUAS
CIDADES

Tradução
Amanda Moura



Príncipis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
A tale of two cities

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Charles Dickens

Diagramação
Casa de Ideias

Tradução
Amanda Moura

Imagens
koya979/Shutterstock.com;
studiovin/Shutterstock.com;
Maximus256/Shutterstock.com;
beshtanya/Shutterstock.com;
Backgroundy/Shutterstock.com;
Viktorija Reuta/Shutterstock.com

Preparação
Ciranda Cultural

Revisão
Casa de Ideias
Maitê Ribeiro

Notas de rodapé

Todas as notas de editor foram retiradas e traduzidas do site:

http://dickens.stanford.edu/dickens/archive/tale/issue10_allusions.html

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D548c	Dickens, Charles
	Um conto de duas cidades: a tale of two cities / Charles Dickens ; traduzido por Amanda Moura. - Jandira, SP : Principis, 2019. 352 p. ; 16cm x 23cm.
	Inclui índice. ISBN: 978-65-509-7038-3
	1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Moura, Amanda. II. Título.
2019-2264	CDD 823.91 CDU 821.111-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91
2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

1ª edição revista em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: DE VOLTA À VIDA

O PERÍODO	6
A DILIGÊNCIA	9
AS SOMBRAS DA NOITE.....	14
A PREPARAÇÃO.....	18
A TABERNA.....	29
O SAPATEIRO	39

SEGUNDA PARTE: O FIO DOURADO

CINCO ANOS DEPOIS	50
UMA VISÃO	56
UMA DECEPÇÃO	62
CONGRATULAÇÕES.....	74
O CHACAL	80
CENTENAS DE PESSOAS.....	86
MONSENHOR NA CIDADE.....	97
MONSENHOR NO CAMPO	105
A CABEÇA DE MEDUSA	110
DUAS PROMESSAS.....	120
UM CENÁRIO COMPLEMENTAR	127
UM HOMEM PRUDENTE.....	131
UM HOMEM IMPRUDENTE	138
O COMERCIANTE HONESTO	143
TRICOTANDO.....	153

PROSSEGUE O TRICÔ DE MADAME DEFARGE	163
UMA NOITE.....	173
NOVE DIAS.....	178
UMA OPINIÃO	185
UM APELO.....	193
PASSOS ECOANTES	197
O MAR AINDA REVOLTO.....	208
O FOGO INCENDEIA	213
ATRAÍDO PELO ABISMO.....	220

TERCEIRA PARTE: O RASTRO DE UMA TEMPESTADE

EM SEGREDO	232
A PEDRA DE AMOLAR.....	243
A SOMBRA.....	249
CALMARIA NA TEMPESTADE	254
O LENHADOR	259
TRIUNFO	265
UMA BATIDA NA PORTA	271
UM JOGO DE CARTAS.....	276
JOGO ENCERRADO.....	288
A ESSÊNCIA DA SOMBRA.....	300
CREPÚSCULO	314
A ESCURIDÃO.....	318
CINQUENTA E DOIS	326
O TRICÔ CHEGA AO FIM.....	337
OS PASSOS ECOANTES CALAM-SE PARA SEMPRE	348

PRIMEIRA PARTE
DE VOLTA À VIDA



O PERÍODO

Aquele foi o melhor dos tempos, o pior dos tempos, foi a era da sabedoria, da loucura, foi a época da crença, da incredulidade, a era da Luz, das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero, tínhamos tudo bem diante dos nossos olhos, não tínhamos nada diante dos nossos olhos, iríamos todos para o Paraíso, todos na direção contrária... enfim, aquela foi uma época tão semelhante à atual que algumas das autoridades mais ruidosas insistiram para que lhe déssemos as boas ou más-vindas, que não fosse ignorada, no grau superlativo de comparação¹.

Ocupavam o trono da Inglaterra um rei de mandíbula grande e uma rainha de rosto inexpressivo; ocupavam o trono da França um rei de mandíbula grande e uma rainha de

1 O período mencionado no capítulo de abertura é o final do século XVIII – especificamente (como aprenderemos um pouco mais adiante) 1775; e o “melhor dos tempos” e o pior dos tempos de Dickens iniciam um tema que ajuda a nos preparar para uma das principais causas da Revolução Francesa – a coexistência de extremos opostos (como a coexistência de imensa riqueza e imensa pobreza na França) no período pré-revolucionário. A “era da Luz”, coexistindo com a “era das Trevas”, invoca outra ironia do período: se o “Iluminismo” foi um período de razão, racionalidade, ciência, etc., foi também um período de pseudociência e novos tipos de superstição. Assim, o período em que o romance se abre é um período tanto da Luz quanto das Trevas – um período de contrastes. O “período atual” do romance é, naturalmente, 1859, quando começou a publicação em série. Esse período é introduzido como “até agora” em 1775, talvez por causa da persistência de extremos contrastantes: no século XIX, a Inglaterra liderou a Revolução Industrial (para a qual o terreno foi construído pelos desenvolvimentos do século XVIII, como o motor a vapor); contudo, progresso científico, tecnológico e industrial sem precedentes coexistia com a moda dos “*rappers* espirituais”, médiuns, frenologistas e assim por diante. Dickens faz referência a esses fenômenos no capítulo inicial, quando observa que “revelações espirituais foram concedidas à Inglaterra naquele período favorecido, como neste”. (N.E.)

rosto bonito². Em ambos os países, a infinitude da reserva de pães e peixes dos lordes de Estado, bem como dos bens em geral era mais clara que cristal.

Era o ano do Nosso Senhor, 1775. Naquela época privilegiada, concedia-se à Inglaterra revelações espirituais tal como ocorre nos tempos atuais. A senhora Southcott acabara de completar seu abençoado 25º aniversário e contava com um profético e, na ocasião, arauto soldado da Guarda Real, cuja sublime presença encarregou-se de declarar que se fizeram os preparos para a ruína de Londres e Westminster. Até o fantasma de Cock Lane³ fora exorcizado há apenas uma dúzia de ano, depois de repetir incansavelmente suas mensagens, tal como o fizeram os espíritos deste ano que passou (com sobrenatural falta de originalidade). No plano terreno, por outro lado, chegavam à Coroa Britânica e ao povo inglês notícias de um congresso entre súditos britânicos sediado na América e, por mais estranho que possa parecer, o referido evento revelou-se à raça humana mais importante do que qualquer outra mensagem já transmitida por um covarde do bando dos Cock Lane.

A França, no geral menos favorecida em questões espirituais em comparação à sua irmã de escudo e tridente, placidamente descia morro abaixo fabricando e gastando papel-moeda. Sob a vigilância de seus pastores cristãos, também entreteve-se com feitos tão humanitários quanto mandar cortar as mãos de um jovem, arrancar-lhe a língua com uma tenaz e queimá-lo vivo porque o rapaz não havia se ajoelhado na chuva para reverenciar uma lamacenta procissão de monges que passava por ali, a uma distância de quarenta ou cinquenta e poucos metros dele. Quando aquele pobre coitado foi condenado à sentença de morte, é bem provável que certo Lenhador, chamado Destino, já tivesse cravado sua marca por aqueles bosques entre a França e a Noruega, nas árvores que seriam derrubadas, cortadas em tábuas e transformadas em um certo móvel, com um saco e uma lâmina, para lastimável registro da História. É bem provável também que as rústicas dependências de alguns lavradores naquelas terras enlameadas e adjacentes a Paris abrigassem carroças⁴ igualmente rústicas, salpicadas pela

2 Em 1775 (o ano em que *Um conto de duas cidades* começa), o rei e a rainha da França eram Louis XVI (1774-93) e sua cónjuge, Marie-Antoinette. Na Inglaterra, George III (1760-1820) e sua majestade, Charlotte Sophia, eram o casal no poder. (N.E.)

3 Refere-se ao “fantasma” que começou a incomodar os moradores de uma casa em Cock Lane, West Smithfield (em Londres) nos primeiros meses de 1762 (e, portanto, foi colocado para descansar um pouco mais de uma dúzia de anos em 1775). Suas batidas e arranhões deveriam derivar do espírito da mulher que havia sido assassinada e foi enterrada nas proximidades. Embora o fenômeno tenha sido exposto como uma fraude, atraiu considerável interesse popular. A referência de Dickens aos “espíritos deste ano passado” refere-se aos “*rappers* espirituais” do final da década de 1850 (que se anunciavam principalmente agitando mesas e divulgando mensagens). (N.E.)

4 No inglês “tumbriel”; tipo de carroça utilizada no período da Revolução Francesa para transportar prisioneiros à guilhotina. (N.T.)

lama, farejadas por porcos, empoleiradas pelas galinhas e que o Fazendeiro, a Morte, já tinha preparado para transportar a Revolução. Mas o Lenhador e o Fazendeiro, embora trabalhassem sem cessar, o faziam em completo silêncio, sem que ninguém escutasse seus passos abafados; e aqueles que os ouviam procuravam ignorá-los para afastar qualquer probabilidade de que os dois tinham despertado, e seriam ateus e traidores.

Na Inglaterra, sobrava vanglória nacional e faltavam ordem e segurança. Todas as noites, homens armados arrombavam casas e praticavam assaltos pelas avenidas e ruas da capital. As famílias eram contundentemente alertadas a não saírem de casa sem deixar a mobília em um guarda-móveis, uma medida protetiva. O larápio que aparecia de noite, era o comerciante trabalhador no centro à luz do dia, e que, ao ser reconhecido e interceptado por um colega também comerciante, este sob o disfarce de “o Capitão”, a sangue frio atirou na cabeça do homem e fugiu em disparada. A diligência foi assaltada por sete bandidos, dos quais três morreram com tiros disparados pelo guarda, por sua vez morto pelos outros quatro ladrões, “pois sua munição havia acabado”; após tal fatalidade, a diligência pôde ser roubada em paz. O magnificente potentado, o Lorde Prefeito de Londres, foi interceptado e rendido por um ladrão de estrada em Turnham Green, que despojou a ilustre figura bem debaixo dos olhos de todo o seu séquito. Nas cadeias londrinas, presos travavam guerra com os carcereiros e, sua majestade, a Lei, empunhando bacamartes abria fogo entre eles, disparando chumbo e bala. Crucifixos de diamantes eram arrancados do pescoço de nobres nos salões da Corte. Mosqueteiros entraram em Saint Giles à procura de mercadorias contrabandeadas, e o povo atirou contra eles, que por sua vez revidaram também com tiros. E ninguém jamais reconheceu nenhum desses fatos como anomalia de nenhum tipo.

Enquanto isso, o carrasco, sempre ocupado e mais imprestável do que nunca, era requisitado o tempo todo, ora enforcando longas filas de diferentes criminosos, ora exterminando no sábado um arrombador de casas que foi pego na terça-feira; ora em Newgate queimando com ferro em brasa as mãos de dúzias de pessoas, ora ateando fogo em panfletos na porta do Westminster Hall; em um dia, tirando a vida de um impiedoso assassino, em outro, de um gatuno pé de chinelo que roubara uma moedinha de um fazendeiro.

Todas essas coisas e mil outras como elas, sucederam-se no estimado e velho ano de 1775. Enquanto o Lenhador e o Fazendeiro trabalhavam sem chamar a atenção, aquelas duas figuras de mandíbula grande e as outras duas, uma de rosto inexpressivo e outra, formoso, davam passos ostentosos, erguendo e esbanjando seus direitos divinos. Assim, o referido ano trouxe suas Grandezas e miríades de pequenas criaturas, dentre elas as de que trata esta crônica, no decorrer das estradas que havia pela frente.



A DILIGÊNCIA

À frente do primeiro sobre quem esta história trata, em uma sexta-feira à noite, no final de novembro, estendia-se a estrada de Dover. E essa mesmíssima estrada se desdobrava além da diligência de Dover, que, com muito custo, subia a colina de Shooter. O homem de quem vamos falar subia a ladeira enlameada a pé, acompanhando o ritmo da carruagem, como o faziam todos os outros passageiros, não porque lhes apetecia o exercício da caminhada naquelas circunstâncias, mas porque a ingremidade, os arreios, o lodo, a diligência, tudo pesava tanto que os cavalos já tinham feito três paradas, além de terem de puxar a carruagem do outro lado da estrada, certa vez, com o amotinado intento de levá-la de volta a Blackheath. No entanto, rédeas e chicote, cocheiro e guarda, todos haviam lido o artigo do regulamento militar que proibia aquela prática e a recomendava somente por motivos de força maior, pois considerava que alguns animais selvagens possuem a capacidade de raciocinar; assim, os cavalos renderam-se e retomaram seus postos.

De cabeça baixa e com o rabo balançante, marcharam pela lama espessa, vacilando e tropeçando vez em quando, como se as juntas fossem se desintegrar a qualquer momento. Toda vez que o condutor parava para os cavalos descansarem e os posicionava para retomar o caminho com um “Arre! Andando! Upa!”, o líder balançava a cabeça violentamente e com isso sacolejava todo o resto que carregava consigo, com uma atípica demonstração de autoridade, negando que o coche conseguiria chegar ao topo da colina. E a cada reação como essa do guia dos cavalos, o passageiro em questão, como qualquer outro naquele estado de desassossego, perturbava-se.

Uma úmida e fumegante bruma entremeava os montes e vagava pela colina feito um espírito maligno procurando em vão um lugar para descansar. A névoa quase

congelante e visguenta perfilava o ar devagar, formando ondas sobrepostas feito as de um mar impróprio para banho e era densa o suficiente para bloquear tudo ao redor e que estivesse à frente das lanternas do coche, o qual continuava se movimentando como se tivesse vida própria, a alguns metros da estrada. E misturava-se ao nevoeiro o odor dos cavalos extenuados, como se fossem apenas um.

Além do mencionado, outros dois passageiros subiam com todo o custo a colina, ao lado da diligência. Todos os três andavam encapotados até as maçãs do rosto e calçavam botas de cano alto, tanto que nenhum dos três conseguiria descrever o semblante um do outro, e a cada um os olhos do corpo pareciam tão encobertos quanto os do espírito. Naquele tempo, os viajantes evitavam conversa com estranhos que encontrassem pelo caminho, pois qualquer um que aparecesse poderia ser um gatuno ou estar a mando de um. Quanto à última hipótese, as estalagens de diligências e cervejarias poderiam hospedar algum larápio pela conta do “Capitão” de algum bando, sendo o gatuno um senhorio ou algum criado dos estábulos. Pois naquela noite, numa sexta-feira de novembro, ano 1775, o guarda da diligência de Dover matutava sobre isso enquanto rumava para o topo da colina de Shooter, no seu posto na parte de trás, batendo os pés e mantendo um olho e uma mão no baú de armas bem ali à frente, dentro da qual havia um bacamarte e outras seis ou oito pistolas das grandes carregadas e amontoadas debaixo dele, por sua vez depositadas em cima de um punhado de cutelos.

A diligência de Dover seguia no habitual e propício ritmo, em que o guarda desconfiava dos passageiros, os passageiros desconfiavam um do outro e do próprio guarda, todos por sua vez desconfiavam de todo mundo e o cocheiro de nada tinha certeza, a não ser dos cavalos, embora pudesse, de consciência muito limpa, jurar pelo Antigo e Novo Testamentos que os animais não dariam conta daquele trajeto.

– Arre! – exclamou o cocheiro. – Força! Só mais um trote e pronto, chegamos ao topo! Depois, que vão para o inferno, já me trouxeram muita dor de cabeça! Joe!

– Olá! – respondeu o guarda.

– Que horas tem aí?

– Onze e dez.

– Puta merda! – esbravejou o cocheiro. – E ainda não chegamos ao topo de Shooter! Tsc! Arre! Depressa, andem!

Açoitado pelo chicote, o cavalo autoritário teve a pior das reações, deu uma arremetida súbita e os outros três cavalos o acompanharam. Com o movimento, novamente a diligência de Dover sacolejou, fazendo as botas de cano alto dos passageiros baterem umas nas outras. Pararam no mesmo momento em que a carruagem e não arredaram o pé de perto dela. Se algum dos três se atrevesse a sugerir ao outro que adiantasse um pouco o passo em meio a toda aquela névoa e escuridão, correria o sério

UM CONTO DE DUAS CIDADES

risco de, no mesmo instante, levar um tiro ao ser confundido com um ladrão como os que andavam pela estrada.

A derradeira investida levou a diligência ao topo da colina. Os cavalos pararam para recuperar o fôlego mais uma vez e o guarda desceu da diligência para travar a roda para a descida e abrir a porta para os passageiros entrarem.

– Tsc, Joe! – gritou o cocheiro em um tom alarmante, olhando para baixo da boleia.

– O que é isso, Tom?

Os dois ficaram em silêncio e de ouvidos abertos.

– Parece um cavalo a meio-galope, se aproximando, Joe.

– Eu diria um cavalo a todo galope, Tom – opinou o guarda, soltando a porta e retomando depressa a seu posto. – Cavalheiros! Em nome do rei! Atenção, todos vocês!

E com esse chamado repentino, engatilhou o bacamarte e permaneceu na ofensiva.

O passageiro tratado nesta história estava com o pé no estribo, pronto para subir na diligência, os outros dois vinham logo atrás, também prestes a entrar. Ele se deteve no degrau, um pé no estribo e o outro no chão, os outros continuaram na estrada, abaixo dele. Todos olhavam do cocheiro para o guarda, e do guarda para o cocheiro, prestando atenção. O cocheiro olhou para trás, o guarda olhou para trás, e até o cavalo autoritário ergueu as orelhas e olhou para trás, sem titubear dessa vez.

O silêncio que se instalou depois de interrompido o ribombo e o chacoalhar da carruagem, somado à quietude da noite, tornou tudo muito silencioso. A respiração ofegante dos cavalos fazia a diligência tremer, como se estivesse em um verdadeiro estado de perturbação. O coração dos passageiros batia tão alto que talvez desse para ouvir o som. Fato é que não poderia haver pausa silenciosa mais audível que aquela: uns arquejando, outros prendendo a respiração, outros ainda sentiam o coração querer saltar pela boca, tamanha a expectativa.

O barulho de um cavalo a galope, subindo a colina a toda velocidade, aproximava-se cada vez mais.

– Pare! – berrou o guarda o mais alto que pôde. – Quem se aproxima?! Pare ou atiro!

De repente, o galope foi interrompido e, ao crepitar de folhas e galhos na lama escorregadia, soou no nevoeiro a voz de um homem:

– Esta é a diligência de Dover?

– Por que deseja saber? – redarguiu o guarda. – Quem é o senhor?

– Esta é a diligência de Dover?

– Senhor, por que deseja saber?

– Preciso falar com um passageiro.

– De quem se trata?

– Do senhor Jarvis Lorry.

O passageiro retratado nesta história rapidamente se manifestou e confirmou estar a bordo. O guarda, o cocheiro e os outros dois passageiros o olharam com desconfiança.

– Nem um passo adiante – ordenou o guarda para a voz enevoada. – Do contrário, posso cometer um erro irreparável. Cavalheiro Lorry, responda caso esteja a bordo.

– O que houve? – perguntou o passageiro com a voz meio trêmula. – Quem me procura? É Jerry?

“Não gosto nem um pouco da voz do Jerry, caso seja esse mesmo o sujeito”, resmungou o guarda consigo mesmo. “Rouca demais para o meu gosto”.

– Sim, senhor Lorry.

– E o que quer falar comigo?

– Uma mensagem que mandaram entregar ao senhor. E veio de muito longe, T. & Cia.

– Conheço este homem, guarda – disse o sr. Lorry, descendo da diligência com a ajuda mais apressada do que gentil dos outros dois passageiros, que logo em seguida tornaram a se ajeitar na carruagem, fecharam a porta e abriram a janela. – Deixe que se aproxime. Não há perigo nenhum.

– Espero que não, cavalheiro, mas não posso ter certeza disso – reclamou o guarda, em um monólogo raivoso. – Olá, senhor!

– Olá! – respondeu Jerry meio titubeante e com a voz ainda mais rouca que antes.

– Pode vir devagar. Devagar! Entendeu? E se tiver algum coldre nesta sela, não se atreva a encostar a mão nele. Tenho o azar de cometer muitos enganos irreparáveis e, quando começo, vem um atrás do outro. Agora, vejamos, vamos revistar o senhor.

Aos poucos, por entre a neblina emergiram as figuras de um cavalo e do cavalheiro, que pararam bem ao lado da diligência, no exato lugar em que o passageiro estava sentado. O cavalheiro curvou-se e, erguendo os olhos em direção ao guarda, entregou ao passageiro um pedacinho de papel dobrado. O cavalo estava exaurido e os dois, cavalheiro e cavalo, encontravam-se enlameados dos cascos do animal ao chapéu do homem.

– Guarda! – chamou o passageiro com a voz baixa e que transmitia segurança.

O precavido guarda, com a mão direita posicionada na coronha do bacamarte, e a esquerda no cano da arma, e o olhar fixo no cavalheiro mensageiro, respondeu em um tom lacônico:

– Senhor.

– Não há motivo para preocupação. Pertenço ao Banco Tellson. Deve conhecê-lo, fica em Londres. Estou viajando para Paris a negócios. Tome aqui uma moeda para tomar algo por aí. Posso ler a mensagem?

– O mais rápido que puder, senhor.

Sob a luz da lanterna da carruagem, o homem leu a mensagem primeiro para si mesmo, depois em voz alta:

– “Espere por *Man’selle* em Dover”. É só, como pode ver, senhor guarda. Jerry, diga que minha resposta é “DE VOLTA À VIDA”.

Jerry sobressaltou-se na sela.

– É uma resposta muito da estranha – disse, com a voz mais rouca ainda.

– Leve esta mensagem de volta e eles saberão que a recebi, como se eu mesmo a tivesse escrito. E tenha uma boa viagem. Boa noite.

E, com essas palavras, o passageiro abriu a porta da carruagem e voltou a subir, dessa vez sem a menor ajuda dos outros dois passageiros, que sorrateiramente tinham escondido seus relógios e bolsas dentro das botas e agora fingiam dormir. E o fizeram com nenhum outro propósito senão o de evitar o risco de qualquer outra reação.

A carruagem retomou o caminho, com muita dificuldade, dessa vez envolta ainda mais na névoa pesada ao começar a descer. Dali a pouco, o guarda voltou a colocar o bacamarte no baú de armas e depois de averiguar o resto do armamento que havia ali dentro, bem como as pistolas a mais que carregava no cinturão, olhou para o baú menor debaixo do seu assento, onde estavam guardadas algumas ferramentas de ferreiro, um par de archotes e um estojo com uma pederneira. O guarda estava tão prevenido que caso as lanternas da carruagem apagassem com o vento, o que vez em quando acontecia, bastaria fechar-se ali dentro do veículo, raspar a pederneira no aço, manter a fâsca bem longe da palha para com certa segurança (e um pouco de sorte) e rapidez (cinco minutos) acender a luz.

– Tom! – sussurrou sobre o teto da carruagem.

– Diga, Joe.

– Escutou a mensagem?

– Escutei, Joe.

– E o que você entendeu, Tom?

– Nada de nada, Joe.

– Que coincidência – contou o guarda pensativo –, também não entendi lhufas.

Nesse meio tempo, Jerry, sozinho em meio à névoa e à escuridão, apeou-se não só para deixar o cavalo descansar um pouco, como também para limpar a lama do rosto e sacudir a água da aba do chapéu, que poderia muito bem armazenar meio galão. Depois de um tempo ali parado, com as rédeas dependuradas no braço todo sujo de lama até não ouvir mais o barulho das rodas da diligência e voltar a recair o silêncio da noite, ele se virou para começar a descer a colina.

– Depois de vir galopando de Temple Bar, senhora, só volto a confiar em suas pernas dianteiras quando chegarmos a uma planície – disse o mensageiro da voz rouca, olhando para a égua. – “De volta à vida”. Que mensagem mais estranha! Em que encrenca você se meteria, Jerry. Jerry, Jerry! Que encrenca vai ser se virar moda esse negócio de voltar à vida, Jerry!



AS SOMBRAS DA NOITE

Um fato maravilhoso e digno de reflexão é o de que toda criatura humana é um profundo poço de segredo e mistério para todas as outras. Sempre que chego a uma cidade grande, à noite, reflito de modo muito sério que cada uma daquelas casas sombriamente aglutinadas abriga seu próprio segredo; que cada coração pulsante nas centenas e milhares de peitos ali presentes guarda algum segredo para o coração que há ali, bem ao lado. E esse fato tem a ver com algo muito terrível, relacionado até à própria morte. Não posso mais virar as páginas daquele livro de que eu gostava tanto e muito menos esperar o momento de conseguir lê-lo até o final. Não posso mais contemplar as profundezas dessa água insondável em que vislumbrei tesouros enterrados e outras coisas submersas sempre que luzes fugazes a iluminavam e a faziam brilhar. Estava escrito que o livro deveria se fechar com um baque e para sempre, depois que eu lera nada além de uma página. Estava escrito que a água se transformaria em gelo para sempre, enquanto a luz brincava em sua superfície e eu me mantinha às margens, ignorante. Meu amigo morreu, meu vizinho morreu, meu amor, o amor da minha vida, morreu; é a consolidação e perpetuação inexoráveis do segredo que sempre esteve naquela individualidade e que carregarei comigo até o fim da vida. Em algum túmulo desses pelos quais passei nessa cidade, dorme alguém mais incompreensível do que me parecem seus atarefados e vivos habitantes, ou talvez mais incompreensível do que pareço a eles?

Quanto a essa natural e inalienável herança, o cavaleiro mensageiro tinha exatamente as mesmas posses que o Rei, o primeiro-ministro de Estado e o mais abastado comerciante de Londres. E em relação aos outros três passageiros apinhados no estreito espaço da velha e desairosa diligência, eram um verdadeiro enigma um para o